

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME VII*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1968

## CASTELO DA LOUSA (MOURÃO)

CAMPANHAS DE ESCAVAÇÕES DE 1965,

1966 E 1967

Já dissemos que este fortim romano situado na margem esquerda do Guadiana, a 6 km. a Sudoeste de Mourão, tem um interesse muito especial para o estudo da arquitectura militar dos últimos anos da república (1). O seu conhecimento e revelação ao mundo científico deve-se à Fundação Calouste Gulbenkian, que levada pelo espírito de investigação que a domina, tem proporcionado aos signatários, para tanto, os indispensáveis meios.

Nos trabalhos realizados em 1962-1964 reconheceu-se o interior do forte com os seus variados compartimentos providos de seteiras e ligados entre si por corredores, que rodeiam uma cisterna cavada na rocha com a profundidade de 8 m., uma escada interior, um vestibulo com sua porta voltada a Norte e uma escadaria exterior metida na muralha, etc.

Enquanto a escavação do interior nos revelava todos estes factos, um reconhecimento do exterior da muralha Este que ainda apresenta 5,90 m. de altura, deu-nos a conhecer dois grupos de construções suplementares: um existente a Sul, encostado à muralha; outro nas imediações e prolongamento do ângulo Noroeste, necessários ambos à vida da guarnição militar que ali viveu, certamente, durante largos anos.

(1) Afonso do Paço e Joaquim Bação Leal, «Castello di Lousa — Fortino Romano sulla Guadiana á Mourão (Portugallo)», *Estudos Italianos em Portugal*, n.º 26, Lisboa, 1966.

Idem, «Castelo da Lousa, Mourão (Portugal). Una fortificación romana de la margen izquierda del Guadiana», *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXXIX, n.ºs 113 y 114, Madrid, 1966.

Afonso do Paço, Joaquim Bação Leal, Adília Alarcão e Jorge Alarcão, «Castelo da Lousa (Mourão)», *Boletim da Junta Distrital de Évora*, n.º 6, Évora, 1967.

Estes dois agrupamentos de dependências do fortim estão ligados entre si, a Este, por um corredor que se estende ao longo da referida muralha ocidental.

Esta nova revelação, de que tivemos conhecimento, como se disse, no decorrer da campanha de 1965, pode dividir-se em três partes:

1. <sup>a</sup> — Construções a Sul e Sudoeste do forte.
2. <sup>a</sup> — Corredor e paredes ao longo da muralha Oeste.
3. <sup>a</sup> — Construções junto do ângulo Nordeste da fortificação.

Antes de prosseguir devemos uma explicação aos nossos leitores para melhor compreensão do que iremos expôr. O terreno onde assenta o fortim formaria originariamente uma espécie de promontório correndo entre duas ribeiras de margens alcantiladas: a da *Lousa* a Norte e a do *Montinho* a Sul, Fig. 1. A extremidade deste promontório foi destacada do conjunto pela abertura a Leste de um fosso cavado na rocha. Criou-se assim uma espécie de ilha, construindo-se na sua parte superior o chamado Castelo da Lousa, Fig. 2. Na base do fortim e portanto num segundo plano, há dois agrupamentos xistosos que constituem pequenas esplanadas e foi sobre elas que se edificaram as dependências de que iremos dar conhecimento.

#### CONSTRUÇÕES A SUL E SUDOESTE

O rochedo central da extremidade da península em que assenta o forte, forma a Sul um dorso sobre que se construiu a muralha e foi deixado em parte intacto, encostando-se a ele as dependências que aí se fizeram. Os seus alinhamentos adoptam-se à configuração do patamar xistoso, Fig. 2 e 4.

Devido à intempérie ou a outras razões, as frágeis pareditas apresentam certa obliquidade sobre a base, tendo sido necessário, depois de escavadas, escorá-las para evitar o seu desabamento. Não se tratava, por certo, de grandes edificações, mas tão somente de pequenos alpendres. A primeira construção, imediatamente encostada à mura-

lha, é a que apresenta maior elevação de paredes, estando as seguintes reduzidas a pouco mais que os alicerces.

Junto da primeira divisória havia restos de escórias de trabalhos de ferro, tudo nos levando a crer que se praticavam aí certas operações daquele metal. O chão da divisória seguinte apresenta um grupo de pequenos orifícios abertos no xisto, talvez bases de pilares de qualquer construção. As cerâmicas encontradas neste agrupamento de casas foram escassas e grosseiras, sendo diminuto todo o espólio arqueológico.

#### CORREDOR AO LONGO DA MURALHA OCIDENTAL DO FORTIM:

Caminhando do agrupamento de casas suplementares acima referidas para Norte, ao longo da muralha Oeste e paralelamente ao rio, há de início umas pareditas mal definidas, ficando logo a seguir um corredor de 17,30 m. de comprimento, de 2,30 m. de largura, defendido a Oeste por uma paredita de 0,75 m. de espessura e que ainda conserva uma altura média de 1,50 m.. Três aberturas, uma a meio e duas laterais, dariam acesso para o rio, Fig. 4.

A base deste corredor, bem como os acessos, apresentam vestígios de terem sido lageados com xisto.

#### CONSTRUÇÕES JUNTO DO ÂNGULO NORDESTE DO FORTIM

As construções junto deste ângulo Nordeste obedecem como as do Sul, à configuração do terreno, sendo o seu traçado dele dependente. Certas pareditas também se apresentam com grande inclinação sobre a base e foi preciso escorá-las para evitar o seu desmoronamento pelas chuvas do inverno.

Não existe actualmente todo o conjunto habitacional que ali fora construído. Algumas paredes desapareceram já, levadas pela intempérie ou outras causas. Fig. 2 e 4.

Estávamos no final da campanha de 1966 e com um grupo de revelações que tornam este fortim diferente de qualquer outro.

Uma sondagem feita nos entulhos que se acumulavam de encontro à muralha Este, deixou-nos vislumbrar que a construção desta não nascia no fundo do fosso, mas havia aí qualquer coisa que era preciso reconhecer.

Esta operação só pôde ser iniciada na campanha de 1967, mas infelizmente não concluída por não ter sido possível remover, durante ela, todo o enorme volume de entulhos aí acumulados. Contudo no decorrer dos trabalhos, pode verificar-se o que em parte se supunha: abertura de um fosso de cerca de 20 m. de largo que defendia o fortim de qualquer ataque vindo de Este.

Cortada a rocha contra a clivagem natural e muito desfeita pela acção do tempo, apresenta-se escabrosa e com sulcos profundos abertos entre as ligações dos diferentes blocos que se justapõem.

Esta operação de reconhecimento terá de ser concluída nas próximas campanhas, podendo então obter-se todas as medidas verdadeiras.

Falta-nos finalmente, depois do fosso, reconhecer a muralha do lado Norte e escada de acesso que ali existiu, e de que se vislumbram ainda restos de degraus seguros na muralha.

Esperamos que em breve este fortim possa ficar convenientemente escavado e estudado sob todos os ângulos, antes de ser inundado pelas águas da barragem de Alqueva, a construir nas margens do Guadiana. Não consideramos obra perdida o trabalho ali realizado, mas antes uma valiosa cooperação para o mundo científico interessado na fortificação romana. Os materiais recolhidos, bem como uma «maquete», desenhos, reconstituições de cerâmicas entre as quais uma bela taça de *sigillata* confiada para estudo aos cuidados do Museu Monográfico de Conímbriga, levantamentos topográficos, etc., serão arrecadados no Museu de Arqueologia que a Junta Distrital de Évora pretende organizar nesta cidade, ao lado dos do Castelo do Giraldo e outros, para que o Alentejo possa mostrar aos seus visitantes um pouco da formidável riqueza arqueológica da província e dos problemas com ela ligados, e de que até hoje se tem mostrado tão desinteressado.

O Alentejo com as suas numerosas e esplêndidas antas, como a da Comenda da Igreja em Montemor-o-Novo, os seus cromleks, as suas

pontes romanas como a de Vila Formosa sobre a ribeira da Seda, os seus templos e vilas rústicas atapetadas de preciosos mosaicos, as suas basílicas visigóticas e baptistérios páleo-cristãos como os de Torre de Palma em Monforte, poderia apresentar ao Turismo científico um sem número de riquezas com que Deus o dotou.

É em defesa desta política do que é do Alentejo ficar no Alentejo, pela qual nos temos batido às vezes ingloriamente, mas pela qual apesar de tudo continuamos a pugnar, para que se evitem perdas como as de outrora, em que um belo sepulcro de mármore da Azinheira foi parar a um museu do Porto, e um colar de ouro de Portei ao Museu de Saint-Germain-en-Laye nos arredores de Paris (2).

Felizmente que hoje, mercê de uma viragem na direcção dos destinos da província, os ventos sopram de quadrante favorável e começa a arrecadar-se convenientemente o que resta do muito que se desperdiçou.

AFONSO DO PAÇO

JOAQUIM BAÇÃO LEAL

(2) Afonso do Paço, «O Castelo do Giraldo (Évora) e os novos horizontes do Neolítico alentejano», *Boletim da Junta Distrital de Évora*, n.º 2, Évora, 1962.

Idem, «Arqueologia e Turismo na Região de Évora», *A Cidade de Évora*, n.º 45-46, Évora, 1963.

Idem, «Jóias pré-históricas na região de Évora», *Boletim da Junta Distrital de Évora*, n.º 6, Évora, 1967.

(Página deixada propositadamente em branco)



FIG. 1 — O massiço rochoso sobre que construiu o Castelo da Lousa, vendo-se a Norte a ribeira da Lousa e a Sul a ribeira do Montinho.

*(Fotografia da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil)*



FIG. 2 — Vista aérea do Castelo da Lousa tirada no sentido E-W. São visíveis a Norte e a Sul, num plano inferior ao do Castelo, vestígios de construções. A Oeste o Guadiana e a Este o amontoado de entulhos onde se fez um pequeno reconhecimento para verificar o aspecto da muralha. A remoção de parte destes entulhos foi o principal trabalho da escavação de 1967.

*(Fotografia da Base Aérea n.º 3)*





FIG. 3 — Trabalhos de escavação, em 1967, no Castelo da Lousa, começando a pôr-se a descoberto a rocha que foi cortada verticalmente para abertura de um fosso.

*(Fotografia de A. P.)*



FIG. 4 — Outro aspecto da rocha xistosa que foi cortada para abertura do fosso que defende o fortim pelo lado Este. É de notar a alteração que apresenta. Na parte superior ficam as muralhas do Castelo.

*(Fotografia de A. P.)*

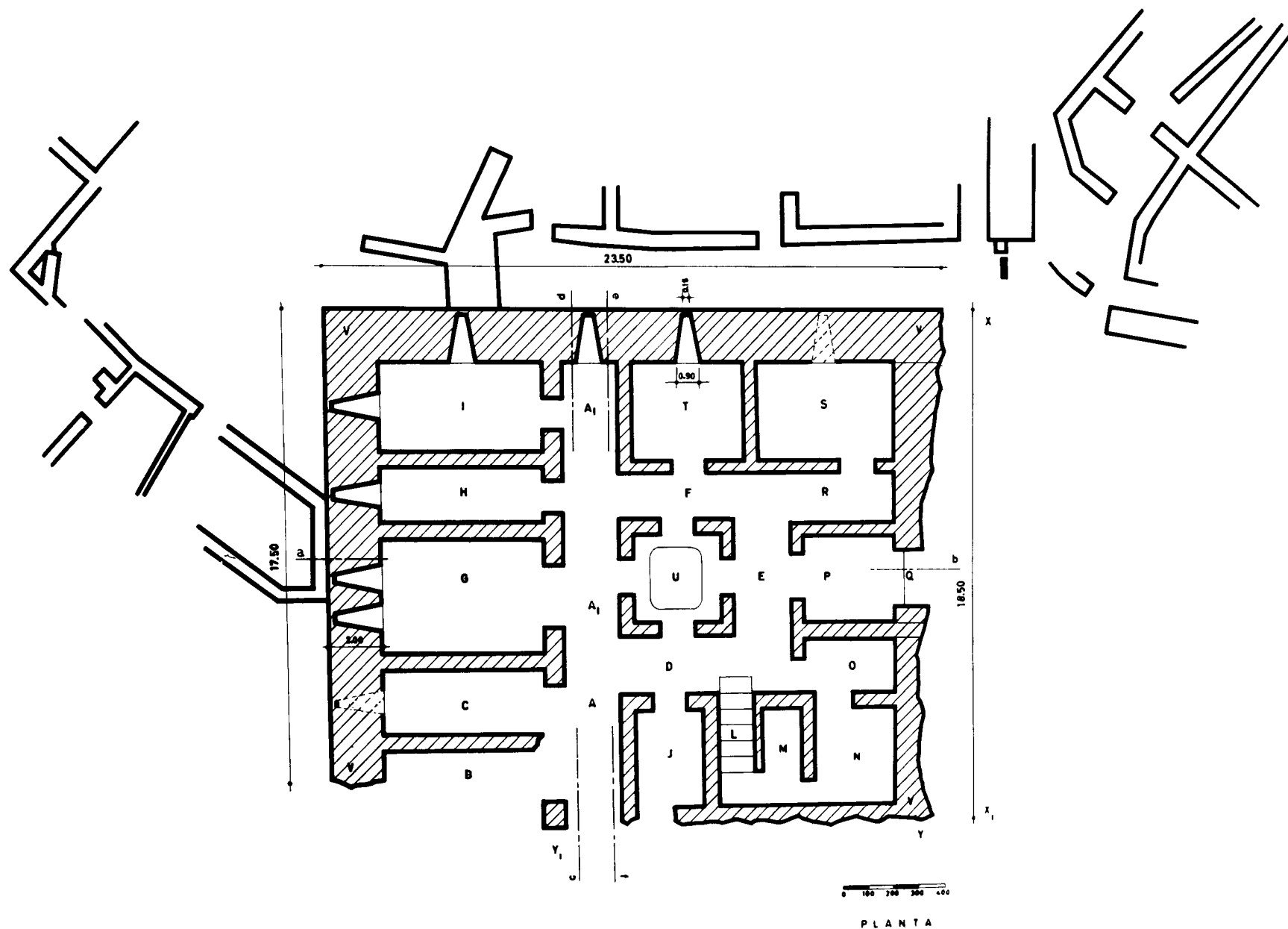


FIG. 5 — Planta do Castelo da Lousa, com indicação das construções exteriores anexas a Norte e a Sul, bem como do corredor e respectivo muro que se estende ao longo da muralha Oeste da fortificação.

(Planta topográfica de Humberto Janes Ramalho)